

Expediente

Jornalista Responsável:
Camila Doretto Castilho - MTB 55554/SP

Equipe Responsável:
Ana Claudéise Nascimento, Camila Doretto, Edila Moura, Marco Lopes e Thiago Figueiredo

Projeto Gráfico:

Marco Lopes

Revisão Final:

Thiago Figueiredo e Camila Doretto

Impressão:

Gráfica Supercorres

Tiragem:

1.000 exemplares

E-mail:

omacaqueiro@mamiraua.org.br

Home page:

www.mamiraua.org.br

Textos:

Ana Cláudia Torres

Camila Doretto

Ellen Amaral

Georgia Silva

Helder Queiroz

João Valsecchi

José Carlos Campanha Júnior

Marília Sousa

Nataluzo Balbino

Nayara de Alcântara Cardoso

Robinson Botero-Arias

Ruiter Braga

Thiago Figueiredo

Vinícius Gontijo

Nosso Recado

Esta é a edição nº 42 do jornal 'O Macaqueiro', com informações sobre algumas das atividades desenvolvidas pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Entre os assuntos, destacamos a produção de pirarucu em 2009, principal atividade econômica desenvolvida pelos moradores das Reservas Mamirauá e Amanã e a continuidade da pesquisa sobre o uacari-branco *Cacajao calvus calvus*, iniciada pelo pesquisador e idealizador do Instituto Mamirauá, Márcio Ayres. Mais informações podem ser acessadas em nosso site: www.mamiraua.org.br. Tenha uma ótima leitura e um bom 2010.

IX Encontro de Manejadores Florestais da Reserva Mamirauá – 2010

José Carlos Campanha Júnior e Vinícius Gontijo

O evento anual realizado pelos manejadores florestais da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá aconteceu entre os dias 05 e 06 de Março de 2010, no Centro Itinerante de Educação Ambiental e Científico Bill Hamilton – CIEAC, no município de Tefé. O evento teve como objetivo discutir as dificuldades enfrentadas pelos grupos de manejadores, bem como outros assuntos relacionados ao desenvolvimento das atividades de manejo florestal. Dentre eles, informações referentes às mudanças na legislação florestal, às formas de obter uma maior valorização na comercialização da madeira manejada sobre o ecossistema de várzea e a formalização de contratos de comercialização de madeiras manejadas (tora ou serrada) com compradores licenciados da região.

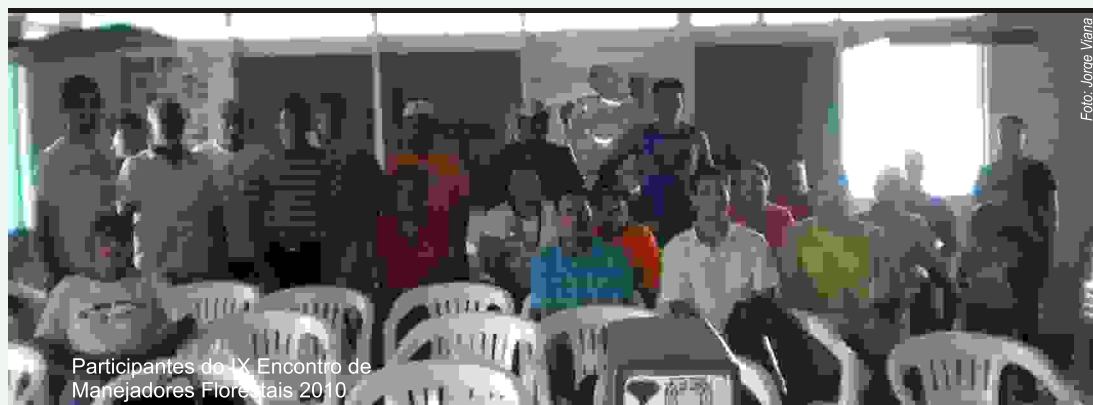
O IX Encontro de Manejadores abordou principalmente os problemas ocorridos entre os anos de 2009 e 2010, em todas as etapas da atividade do Manejo Florestal desenvolvido na RDS Mamirauá. Durante o encontro, técnicos do IDSM divulgaram e explicaram aos manejadores a situação de seus Planos de Manejo que estão em processo de análise e licenciamento no Instituto de Proteção Ambiental do Estado do Amazonas – IPAAM. O Encontro foi classificado pelo Programa de Manejo Florestal Comunitário – PMFC como de extrema importância para a participação das associações comunitárias que desenvolvem atividades com o Manejo Florestal e também para as associações que futuramente irão desenvolver, a fim de que reconheçam e compreendam as ocorrências e notificações emitidas pelo órgão ambiental.

No primeiro dia do evento, foi divulgado para as Associações Comunitárias as pendências que ainda permanecem com registro de notificações no IPAAM. O PMFC aproveitou para realizar junto aos grupos de manejadores alguns compromissos nas etapas da atividade do Manejo Florestal, ressaltando a importância

da construção de um Termo de Compromisso para as Associações que desenvolvem os trabalhos de Manejo Florestal. O objetivo principal da construção de um termo de compromisso é definir os procedimentos e obrigações de cada uma das partes em relação aos serviços de extensão oferecidos às Associações pelo PMFC do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. Enquanto este último tem a responsabilidade de orientar, capacitar e auxiliar as associações, do outro lado, as associações assumem a responsabilidade de receber e entender as orientações provenientes da equipe técnica do PMFC/IDSM, que facilitam o desenvolvimento dos Planos de Manejo Florestal Sustentável de menor impacto – PMFS-mi.

No último dia do evento, foram divulgadas as associações que obtiveram a Licença de Operação (licença do talhão) e Autorização de Colheita Florestal – ACOF (licença das árvores para exploração) expedidas pelo IPAAM, autorizando formalmente a exploração florestal de impacto reduzido. As comunidades licenciadas para o ano de 2010 são: Novo Tapiira, Caburini de Cima, Boa Esperança do Japurá, localizadas no município de Maraã, e São Raimundo Batalha, situada no município de Fonte Boa.

Como já esclarecido anteriormente, apenas as comunidades que participaram do evento poderão receber apoio e assessoria técnica do PMFC no ano de 2010. As 14 Associações Comunitárias representadas no evento são: Setor Ingá: Associação Comunitária Agrícola do Ingá e Assunção; Setor Mamirauá: Boca do Mamirauá; Setor Tijuaca: Vista Alegre, Betania e Boa Esperança do Japurá; Setor Aranapú/Barroso: Novo Viola, Barroso, Bate-Papo e Pentecostal; Setor Guedes: São Raimundo Batalha e São Francisco dos Piranhas; Setor Horizonte: São Francisco do Aiucá e São João.



Participantes do IX Encontro de Manejadores Florestais 2010.



INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL MAMIRAUÁ

O MACAQUEIRO

Ano XI - Nº 42 - Janeiro a Março de 2010

Tefé-Amazonas-Brasil

Pirarucu manejado nas RDS's Amanã e Mamirauá em 2009

Ellen Amaral, Ana Cláudia Torres, Nataluzo Balbino e Ruiter Braga



O enorme peixe quase alaga a canoa do pescador

Desde 1999, o Programa de Manejo de Pesca (PMP) assessora comunidades ribeirinhas das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã no manejo sustentável do pirarucu (*Arapaima gigas*). Dentre as principais linhas de atuação, incluem-se pesquisas científicas básicas e aplicadas, capacitações e apoio técnico para a pesca manejada.

Após dez anos de trabalho, as ações do PMP continuam intensas. Em 2009, foram assessorados 6 sistemas de manejo de

pirarucu, envolvendo 25 comunidades ribeirinhas das Reservas e 3 Colônias de Pescadores dos municípios vizinhos. Ao todo, 1013 pescadores foram diretamente beneficiados com o manejo nesse período (Tabela I).

Durante a safra de 2009, entre os meses de outubro e novembro, foram capturados 6.508 pirarucus totalizando 326.928kg, o que representa 98% da cota autorizada pelo IBAMA. Vale ressaltar que essa cota capturada representa apenas cerca de 30% dos estoques explorados, regra básica para

assegurar a reprodução e a continuidade da população. A média do peso dos pirarucus capturados foi de 50,31 kg, sendo 27 kg o peso mínimo e 130 kg o máximo. Em relação aos comprimentos, a média foi de 174,73 centímetros, sendo 150 cm o mínimo e 247 cm o comprimento máximo.

As Associações Comunitárias e as Colônias são responsáveis pela venda da produção e distribuição dos rendimentos para seus associados. Da produção total capturada, 323.975kg foram comercializados nos mercados local e regional, havendo uma pequena porcentagem (1%) de perdas ou de aproveitamento do produto para o consumo dos pescadores. A maior parte da produção (63%) foi comercializada no mercado local (Tefé, Alvarães e Maraã) e 37% destinada ao mercado regional (Manaus e Iranduba). O preço médio pago pelo quilo do peixe inteiro e eviscerado ao pescador foi de R\$ 4,65. O faturamento total bruto foi de R\$ 1.495.264,75 e o faturamento bruto médio por pescador foi de R\$ 1.476,08.

Apesar dos obstáculos enfrentados ao longo do manejo, a produção de 2009 foi avaliada pelos técnicos e pescadores como positiva, tanto pelo volume de produção quanto pelo faturamento expressivo. A meta para 2010 é continuar incentivando e contribuindo para que mais pescadores envolvam-se no manejo e passem a proteger seus lagos para que, no futuro, possam explorar o pescado de forma ordenada e sustentável.

Área de manejo	Ano de início	Produção (ton)		Nº de pescadores		Faturamento Bruto (R\$)	
		1º Ano	2009	1º Ano	2009	1º Ano	2009
Jarauá	1999	3,6	67	42	107	17.000,00	326.032,00
Tijuaca	2001	1,2	13	40	53	9.900,00	56.028,80
Coraci	2002	4,5	22	48	60	18.100,00	101.052,00
Maraã	2002	5,5	182	59	510	22.100,00	812.686,50
Pantaleão	2008	14,9	33	208	229	70.292,00	160.866,45
Paraná Velho	2009		9		54		38.599,00
Total:		29,7	326	397	1.013	137.392,00	1.495.264,75



Ministério da
Ciência e Tecnologia



O Macaqueiro

Artesãs da Reserva Amanã são premiadas pelo Ministério da Cultura

Marília Sousa e Georgina Silva

O Teçume da Amazônia, grupo formado pelas mulheres artesãs do setor Coraci, Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, que desenvolve há oito anos trabalhos artesanais com talas de cauçu (*Calathea lutea*), foi contemplado em dezembro de 2009, com o Prêmio Culturas Populares promovido pela Secretaria da Identidade e Diversidade do Ministério da Cultura. O prêmio é destinado a grupos e mestres das culturas populares, em reconhecimento ao trabalho desenvolvido nas mais diversas expressões culturais brasileiras.

Não é a primeira vez que as artesãs do Coraci são valorizadas e premiadas pelo trabalho que realizam. Em 2006, o grupo ganhou em segundo lugar o IV Concurso de Empreendimentos Exitosos Liderados por Mulheres e, em 2008, o Prêmio SEBRAE TOP 100 de Artesanato Brasileiro. Este último prêmio qualifica a produção artesanal das artesãs do Coraci entre os 100 melhores artesanatos do

Brasil e garante maior visibilidade e divulgação aos seus produtos.

O prêmio, dado por meio da principal instituição de fomento à cultura no Brasil, é importante porque permite a ressignificação local do trabalho que as artesãs realizam, deixando assim de ser unicamente interpretado como uma forma alternativa de renda para ganhar status de objeto cultural. O mérito do sucesso deste grupo deve ser delegado às mulheres artesãs que, além do talento na arte de tecer fibras naturais, acumulam outras virtudes como a organização, persistência, responsabilidade, solidariedade e perfil empreendedor que são marcas que garantem o

sucesso do grupo. Tais atributos deram a estas mulheres o reconhecimento nacional de seu trabalho.

As artesãs utilizarão o prêmio de dez mil reais para comprar equipamentos utilizados na fabricação de seus teçumes como terçados, canoa, motor rabeta, botas, de modo que possam melhor exercer suas atividades.



Coreógrafa Maria Acselrad e artesãs do Coraci experimentando diferentes posturas corporais.

Foto: Divulgação/IDSM

E o uacari-branco, por onde anda?

Nayara de Alcântara Cardoso, Helder Queiroz e João Valsecchi

Os uacaris, macacos pertencentes ao gênero *Cacajao*, estão entre os primatas Neotropicais mais ameaçados e também entre os menos estudados. Atualmente, o grupo de uacaris calvos é dividido em quatro subespécies (*Cacajao calvus calvus*, *Cacajao calvus rubicundus*, *Cacajao calvus uacayalli* e *Cacajao calvus novaesi*). *C. c. calvus* vive em áreas remotas do oeste amazônico e são associados a ambientes alagáveis, como as várzeas. Sua distribuição

geográfica é conhecida entre os Rios Solimões e Japurá, até o Auaí-Paraná, área que cobre boa parte da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (RDSM). Porém, esta distribuição ainda não está totalmente definida, e descobertas recentes indicam a necessidade de pesquisas que definam esta questão. Para que sejam tomadas medidas de conservação para determinada espécie, é prioridade o conhecimento das espécies ou subespécies, além de sua distribuição geográfica. Com

essa finalidade, desde 2007 pesquisadores do Grupo de Ecologia de Vertebrados Terrestres (ECOVERT) do IDSM vem realizando expedições ao longo dos rios Solimões, Japurá, Juruá e Jutai para identificar as áreas de ocorrência e não-ocorrência dos uacaris- brancos. Entre 2007 e 2008 a pesquisadora Tatiana Vieira percorreu toda a Reserva Mamirauá e definiu os limites da subespécie dentro da reserva. Entretanto, permaneceram algumas pendências, como o Rio Juruá e Rio Jutai, que estão fora da área da RDSM.

Em maio de 2009, a pesquisadora Nayara Cardoso realizou uma expedição para o baixo Juruá e seus afluentes, chegando até a cidade de Juruá. Com esta viagem foi possível registrar novas áreas de ocorrência do uacari-branco. Mais recentemente, em março de 2010, uma outra expedição foi realizada para o Rio Jutai, com o mesmo propósito. Novas localidades, desconhecidas até então para a subespécie, foram descobertas e essas informações serão adicionadas às anteriores, definindo assim a distribuição atual de *Cacajao calvus calvus*.



Pesquisadoras Tatiana Vieira e Nayara Alcântara com seus assistentes em uma das expedições

Foto: Divulgação

Projeto Jovens Olhares: Vida na Várzea

Thiago Figueiredo e Camila Doretto

No dia 18 de janeiro de 2010, às 8h35 da manhã, o barco II de Janeiro deixa o porto de Tefé. Nele, 16 jovens do projeto “Jovens Olhares” partem para a realização de um documentário sobre o modo de vida na várzea a partir da visão de três gerações: jovens, adultos e idosos. Numa outra margem, na Reserva Mamirauá, as comunidades Maguari, Barroso e Sítio Fortaleza aguardam os visitantes para contar sobre como é o cotidiano de quem vive na várzea.

O Projeto é fruto de uma parceria do Programa Exxon Mobil Mamirauá e a USAID, Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional, e faz parte de um convênio firmado com a Sociedade Civil Mamirauá. “Uma coisa é ver a reportagem na televisão e outra é estar presente. A mesma coisa com o modo de vida na várzea, antes a gente só ouvia falar, agora pude ver realmente como é”, conta Milca Gonçalves Bernardo Pibic Jr. do Instituto Mamirauá, que participou

do projeto.

Antes de realizar as filmagens, os jovens fizeram oficinas para que pudessem se preparar para o documentário. Na primeira delas, 24 jovens vindos das Reservas Mamirauá e Amanã, das cidades de Tefé e Fonte Boa, participaram da oficina “Modo de Vida na Várzea”, com a socióloga Edila Moura e a antropóloga Edna Alencar, pesquisadoras associadas do Instituto Mamirauá, e com os

comunicadores Thiago Figueiredo e Marco Lopes. O objetivo foi propor algumas reflexões sobre a história de ocupação e o modo de vida na várzea amazônica.

Na segunda etapa, a oficina “Produção de Documentários”. O diretor cinematográfico Fernando Segtowich trabalhou técnicas de preparação e execução de documentário, tratando de questões como estrutura de roteiro, áudio, entre outras.

E então a última fase, a expedição. Dos 24 jovens que participaram das oficinas, 16 foram selecionados para a filmagem nas comunidades. Durante a viagem, muitas descobertas sobre a história e o modo de vida de cada uma dessas comunidades, além da possibilidade de interagir, aprender e registrar tudo de uma forma diferente daquela que geralmente a história é contada nessas populações. Gravada em áudio e vídeo, as histórias conhecidas por tão poucos agora podem estar ao alcance de muitos.



Integrantes dos cursos do Projeto Jovens Olhares

Foto: Divulgação

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Robinson Botero-Arias

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC do Instituto de Desenvolvimento Mamirauá – IDSM, tem se estabelecido como uma estratégia de projeção acadêmica para a comunidade de Tefé. O objetivo do Programa é dar oportunidade a estudantes que demonstram bom desempenho acadêmico, de executar projetos curtos sob a orientação de pesquisadores do IDSM. Os projetos de pesquisa que os bolsistas desenvolvem devem ser caracterizados pela qualidade acadêmica, o enfoque científico e o acompanhamento de um orientador na área de conhecimento.

Atualmente, o IDSM tem duas modalidades de Bolsas de Iniciação Científica: as Bolsas de Iniciação Científica PIBIC Sênior, apoiadas pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e as Bolsas de Iniciação Científica PIBIC Júnior, financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas - FAPEAM. As bolsas PIBIC Sr estão

direcionadas a estudantes de graduação, principalmente da Universidade Estadual do Amazonas - Centro de Estudos Superiores de Tefé – UEA/CEST, contando atualmente com 15 bolsistas, e as bolsas PIBIC Jr são direcionadas aos estudantes de ensino médio de vários centros educativos de Tefé, que estejam desenvolvendo um macro-projeto direcionado para as Alternativas Experimentais do Manejo de Resíduos Sólidos.

O Programa de Iniciação Científica conta com acompanhamento constante do Comitê Institucional, constituído por pesquisadores do IDSM e de forma complementar por pesquisadores e professores de outras instituições acadêmicas. Em fevereiro de 2010, realizou-se o Seminário Parcial PIBIC Jr 2009-2010, cujo o objetivo foi conhecer o avanço da proposta de pesquisa desenvolvida pelos bolsistas, e de forma conjunta avaliar os resultados e execução das atividades, a partir de uma discussão entre orientadores, pesquisadores, professores e estudantes. No total, foram expostos resultados de 15 subprojetos.

A estratégia de acompanhamento estabelecida pelo Comitê Institucional de cada modalidade do Programa de Iniciação Científica, em conjunto com os orientadores e outros membros do IDSM, tem garantido a evolução do programa PIBIC, assegurando um espaço acadêmico que pode ser identificado como uma alternativa de formação científica para os estudantes de ensino médio e de graduação, assim como uma estratégia de divulgação, em Tefé, das atividades de pesquisa que o IDSM desenvolve.



Estagiários dos Programas Pibic Jr e Sênior

Foto: Divulgação